



O comandante dos «Páras» (ao centro) na véspera da sua morte.

abria fogo de reconhecimento, aproximando se cada vez mais da posição ocupada pelo pelotão de pára-que-distas. Já muito perto dos primeiros homens do grupo de combate foi feito intenso fogo de reconhecimento; as nossas tropas, sem revelarem a sua presença, continuavam a aguardar calmamente a passagem dos homens do PAIGC. Um a um, dez guerrilheiros armados, fardando calção e camisa amarela, começaram a entrar na «zona de morte»; mais atrás divisava-se o resto do grupo de mais de 60 homens.

Subitamente, os guerrilheiros que seguiam na vanguarda da coluna agitaram-se e tentaram recuar; um cão que seguia à frente dos homens do PAIGC tinha pressentido a emboscada e dado o alarme. As nossas tropas abriram fogo de imediato, abatendo 7 dos 10 elementos que se encontravam já a cerca de dez metros das suas posições. A reacção do inimigo foi incrivelmente rápida e com grande potencial de fogo em tiro rasante. Um dos três guerrilheiros sobreviventes da «zona de morte», abriu fogo, tendo atingido o capitão Tinoco de Faria. Ao sentir-se alvejado, tentou mudar de posição mas foi novamente baleado com gravidade. Alguns segundos depois foram abatidos os três guerrilheiros que caídos na «zona de morte» tentavam, desesperadamente, bater em retirada. Os sobreviventes

00H30 do dia 28 de Abril de 1966, saíu do aquartelamento do Mejo o pelotão de pára-que-distas comandado pelo alferes Ferreira da Silva; nele seguia integrado o comandante da Esquadra de Defesa Mista, capitão Tinoco de Faria, acompanhando e transmitindo confiança àquele pequeno grupo de homens que, embora sabendo ser o inimigo muito mais numeroso e bem armado, seguiam o seu comandante sem hesitação. A progressão foi feita a corta-mato até ao local da emboscada, no ponto de coordenadas 1455-1120 d8. Pelas 05H00 todo o dispositivo estava montado, num terreno levemente inclinado, oferecendo bons abrigos, embora pouco arborizado; às 10H00 ouviram-se várias rajadas de armas automáticas, a cerca de cinco quilómetros de distância. A espaços regulares o inimigo



Após o contacto rádio com um avião DO-27, os «Páras» aguardam a recuperação do corpo do seu Comandante.

do grupo inimigo tinham-se, entretanto, instalado junto à mata ocupada pelas nossas tropas desencadeando violento ataque com metralhadoras pesadas, morteiros e armas ligeiras; o ataque durou 45 minutos durante os quais o pelotão de pára-quedistas respondeu com eficácia ao fogo inimigo. Novas baixas, embora não confirmadas, foram causadas aos guerrilheiros do PAIGC, obrigando-os a retirar para posições mais seguras. A pausa foi aproveitada para transportar o ferido para um local onde fosse possível a sua evacuação. Apesar de prontamente socorrido, o estado do capitão Tinoco de Faria inspirava sérios cuidados. O inimigo mudou então de tática, passando a seguir as nossas tropas, flagelando-as à distância; o pelotão ia respondendo ao fogo, continuando a sua marcha em direcção ao rio Tenhege. Transposto este, o perigo diminuiria e seria possível efectuar a evacuação do ferido cujo estado de saúde se agravava a olhos vistos. Pelas 12H00 foi atingida a orla da mata, no outro lado do rio Tenhege; ao chegar a este local, o pelotão sofreu novo ataque de um grupo de cerca de 20 elementos emboscados no interior de uma mata próxima. O tiroteio foi, uma vez mais, violento, e 2 guerrilheiros foram imediatamente

abatidos; por seu lado, o apontador da metralhadora MG-42 atingiu mortalmente mais 2 elementos inimigos, e o operador do lança-roquetes abateu ainda outros 2 homens do PAIGC que se acoitavam atrás de um morro de «baga-baga» ⁽¹⁾. O inimigo não conseguiu reagir e retirou, definitivamente, com pesadas baixas. Entretanto, o estado de saúde do capitão Tinoco de Faria agravou-se de maneira irrecuperável; pelas 12H10 e apesar dos desesperados esforços do enfermeiro do pelotão, a forte hemorragia interna causada pela balas inimigas provocou a sua morte. O golpe foi duro, mas passada a emoção dos primeiros momentos recomeça a caminhada. Durante toda a noite e manhã, tinha sido tentado, em vão, o contacto rádio com o aquartelamento de Mejo; a distância era grande e a arborização densa. Por outro lado, a sede e o cansaço começavam a atormentar até os mais resistentes. O transporte do morto estava a ser feito numa maca improvisada, por entre caminhos extremamente difíceis, em marcha esgotante. Pelas 17H00 os pára-quedistas vêem surgir por sobre as suas cabeças um avião DO-27 que se dirigia para o Guileje; o contacto rádio foi conseguido sendo o piloto informado da gravidade da situação. Restava agora

() «Baga-baga» é o nome dado na Guiné às formigas térmitas ou salalé; estas formigas constroem ninhos de argila compacta que chegam a atingir mais de 10 metros de altura e a pesar várias toneladas.



Após lenta agonia, morre pelas 12H10 de 28ABR66, o comandante dos «Paras» na Guiné.

aguardar, com esperança, a chegada do auxílio pedido pelo comandante do pelotão; pelas 18H00 o morto foi, finalmente, evacuado de helicóptero, das margens do rio Liijol para o Mejo. O pelotão continuaria a sua marcha alcançando o aquartelamento do Mejo cerca das 19H30. A atestar a dureza dos combates, ficavam os 16 guerrilheiros do PAIGC mortos na luta; por seu lado, os pára-quedistas tinham perdido o seu comandante. Caído no campo de batalha, o capitão Tinoco de Faria seria postumamente louvado, condecorado e promovido a major (1).

6 — MILITARES CONDECORADOS

O comportamento em combate dos militares da Companhia de Pára-quedistas da BA 12 mereceu, por parte dos Comandos responsáveis, a concessão de numerosos louvores e a atribuição de algumas das mais altas condecorações nacionais. São de destacar a medalha da Cruz de Guerra de 1.^a Classe atribuída ao capitão Tinoco de Faria, e as medalhas da Cruz de Guerra de 2.^a Classe com que foram galardoados os alferes



O corpo foi transportado numa maca improvisada até às margens do rio Liijol

(1) O Comandante da ZACVG tinha apresentado uma proposta para a concessão do grau de Comendador da Ordem Militar da Torre e Espada do Valor, Lealdade e Mérito, ao capitão Tinoco de Faria. A proposta não teve bom acolhimento no Gabinete Militar do Comandante Chefe, tendo o general Arnaldo Schultz determinado a sua alteração para medalha da Cruz de Guerra de 1.^a Classe. («Bordo de Ataque», II vol., de Krus Abecassis, pp. 534 a 537).



A dureza dos combates e a marcha esgotante provocaram grande desgaste nos «Páras

milicianos Ferreira Casaca e Ferreira da Silva bem como os soldados Santos Duarte, Silva Saavedra, Rodrigues de Almeida, Miranda de Abreu, Augusto da Conceição e Ferreira Jorge.

Sobre esta operação, devo acrescentar, que foi uma retaliação feita pelo Comandante da Unidade

(não Pára-quedista) e que o Capitão Tinoco Faria, resolveu acompanhar os seus homens, infelizmente

pagou caro o erro de um mau militar, e que se este não tivesse abandonado a Base antes da chegada destes valorosos soldados, ele iria ser alvo da raiva e do desejo de vingança, dos que viram falecer um Homem com um "H" grande.

De realçar a atitude corajosa do Soldado Saavedra, que enfrentou o fogo inimigo para que os seus camaradas levassem o corpo do Capitão para uma posição mais favorável, e dos guias indígenas, que ajudaram a transportar o corpo, quando as forças já faltavam.

Este meu pequeno comentário, foi aqui transcrito após conversa com o Soldado Pára-quedista Carones, que fez deste grupo de Pára-quedistas.

O Capitão Tinoco Faria, era o Pai do meu comandante de pelotão no Curso de Combate, o Alferes Tinoco Faria, que fez jus ao nome do Seu Pai, demonstrando um espírito de camaradagem sem igual.

Jorge Martins, Sold.pq.047115/81